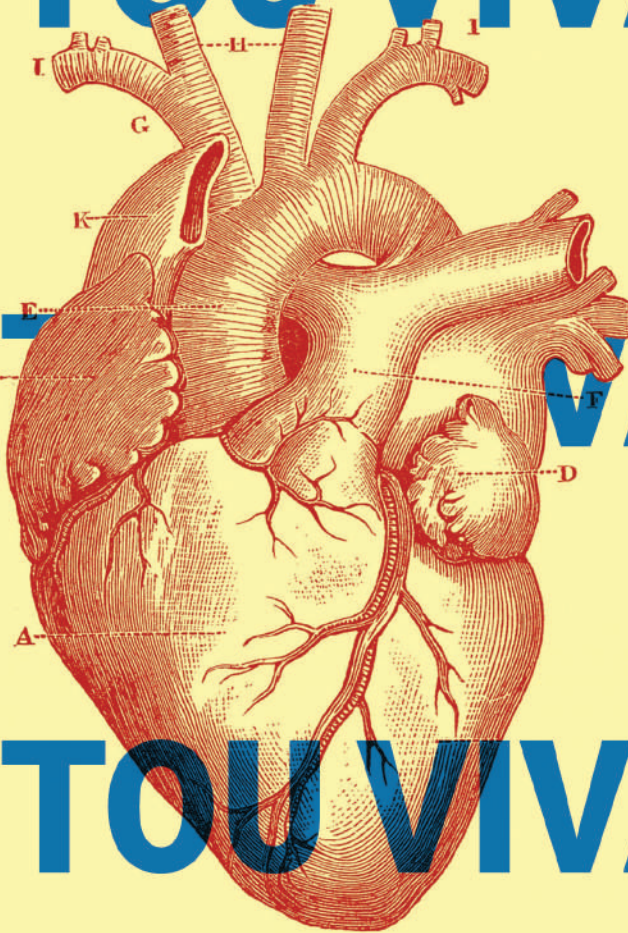


Maggie O'Farrell

ESTOU VIVA,

ESTOU VIVA,

ESTOU VIVA



DEZASSETTE ENCONTROS COM A MORTE

«É difícil parar de ler este livro. Há ecos de Virginia Woolf, não apenas no ritmo do texto, mas também na sua urgência quase surreal.»

*THE WALL STREET JOURNAL*

# ÍNDICE

**15**

Pescoço (1990)

–

**33**

Pulmões (1988)

–

**45**

Espinha Dorsal, Pernas, Pélvis, Abdómen,  
Cabeça (1977)

–

**55**

Corpo Inteiro (1993)

–

**67**

Pescoço (2002)

–

**77**

Abdómen (2003)

–

**91**

Bebé e Sangue (2005)

–

**109**

Pulmões (2000)

–

**119**

Sistema Circulatorio (1991)

–

**129**

Cabeça (1975)

–

**137**

Crânio (1998)

–

**143**

Intestinos (1994)

–

**155**

Sangue (1997)

–

**165**

Causa Desconhecida (2003)

–

**175**

Pulmões (2010)

–

**185**

Cerebelo (1980)

–

**217**

Filha (Presente)

–

**245**

Agradecimentos

–

*Para os meus filhos*

Em alguns casos, os nomes, características e locais foram alterados para ajudar a proteger a identidade daqueles que poderiam ter preferido não se ver descritos num livro.

Alguns excertos deste livro foram publicados originalmente, ainda que sob outras formas, nas seguintes publicações:

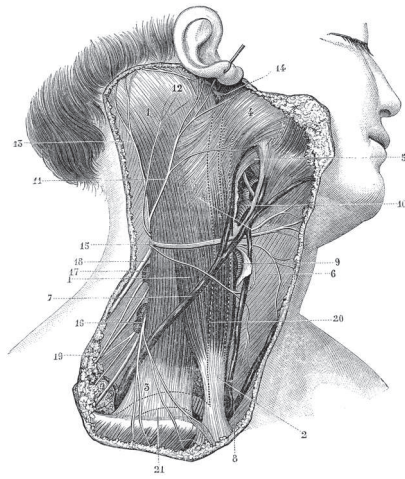
- partes do capítulo «Filha» em *Guardian Weekend*, maio de 2016;
- partes do capítulo «Bebé e Sangue» em *Good Housekeeping*, fevereiro de 2007;
- partes de «Abdómen» em *Guardian*, maio de 2004.

Respirei fundo e ouvi o bater do meu coração.  
Estou viva, estou viva, estou viva.

SYLVIA PLATH, *A Campânula de Vidro*

# PESCOÇO

(1990)



N o carreiro à minha frente, saído de trás de um rochedo, aparece um homem.

Estamos, ele e eu, no lado mais afastado de um lago escuro, escondido no cume curvo desta montanha. O céu acima de nós é de um azul leitoso; a esta altitude, não cresce qualquer vegetação, por isso somos só nós os dois, as pedras e a água escura e parada. Ele ocupa todo o carreiro estreito com a abertura das suas pernas, de botas calçadas, e sorri.

Apercebo-me de várias coisas. De que passei por ele antes, mais abaixo no vale. Cumprimentámo-nos, daquele modo amável e breve de quem está a dar um passeio pelo campo. De que, nesta parte afastada do carreiro, não há ninguém suficientemente próximo para me ouvir chamar. De que ele tem estado à minha espera: planeou tudo isto cuidadosamente, meticulosamente, e eu entrei na armadilha dele.

Vejo tudo isto, num só instante.

Este dia — um dia em que quase morro — começou cedo para mim, logo a seguir ao nascer do Sol, com o meu despertador a lançar-se disparado numa dança ruidosa ao lado da cama. Tive de vestir o meu uniforme, sair da caravana e descer uns degraus de pedra, em bicos de pés, até uma cozinha vazia, onde acendi os fornos, as máquinas de café e as torradeiras, onde cortei cinco grandes pães às fatias, enchi as chaleiras e dobrei 40 guardanapos de papel em forma de orquídeas em flor.



Acabei de fazer 18 anos e consegui fugir. De tudo: casa, escola, pais, exames, esperar pelos resultados. Encontrei um emprego, muito longe de todas as pessoas que conheço, naquilo é anunciado como um «retiro holístico alternativo» no sopé de uma montanha.

Sirvo o pequeno-almoço, levanto as mesas, limpo as mesas, lembro aos hóspedes que têm de deixar as chaves. Vou aos quartos, faço as camas, mudo os lençóis, arrumo. Apanho roupa e toalhas e livros e sapatos e embalagens de óleos essenciais e tapetes de meditação do chão. Aprendo, a partir das narrativas inerentes aos objetos espalhados pelos quartos, que as pessoas nem sempre são aquilo que parecem ser. O homem um pouco sentencioso e exigente, que insiste em ter uma determinada mesa, um certo sabonete, um leite completamente magro, tem um fraco por meias de caxemira, suaves como nuvens, e por roupa interior de seda com padrões exuberantes. A mulher que passa o jantar sentada, de camisa cuidadosamente abotoada, olhos baixos e o cabelo ondulado de uma permanente a perder o efeito, tem um avatar noturno que veste fatos S&M de pendor equestre: rédeas humanas, pequenas selas de cabedal, um chicote prateado fino mas eficaz. O casal de Londres, que parece admiravelmente, invejavelmente perfeito — passam o jantar de mãos dadas (mãos com as unhas bem arrançadas), dão passeios ao pôr do sol (passeios cheios de riso), mostram-me fotos do casamento — têm um quarto imerso em tristeza, em esperança, em luto. As estantes da casa de banho estão repletas de kits de ovulação. Nas mesas de cabeceira estão pilhas de medicamentos para a fertilidade. Não lhes mexo, como se quisesse deixar uma mensagem: não vi isto, não me apercebi, não sei nada.

Passo a manhã a processar e a organizar e a facilitar a vida aos outros. Limpo vestígios humanos, apagando quaisquer traços de que comeram, dormiram, fizeram amor, discutiram, se lavaram, usaram roupa, leram jornais, deixaram cair cabelo e pele e pelos e sangue e unhas dos pés. Limpo o pó, atravesso os corredores a arrastar o aspirador numa longa trela. Depois, por volta da hora

de almoço, quando tenho sorte, tenho quatro horas antes do turno da noite para fazer o que quiser.

Por isso, vim dar um passeio até ao lago, como faço muitas vezes no meu tempo livre, e hoje, por alguma razão, decidi seguir o carreiro até ao fim, até ao outro lado. Porquê? Não me lembro. Talvez tenha acabado as minhas tarefas mais cedo, talvez os hóspedes tivessem sido menos desarrumados do que o normal e eu tenha conseguido sair da pensão mais cedo. Talvez o tempo claro, soalheiro, me tenha seduzido para fora do caminho que normalmente fazia.

Nesta altura da minha vida, também não tenho motivos para desconfiar do campo. Já fiz aulas de autodefesa, dadas no centro comunitário da pequena vila escocesa à beira-mar onde passei a minha adolescência. O professor, um homem barrigudo de fato de judo, pintava-nos quadros com um deleite gótico alarmante. É tarde e estás a sair do *pub*, dizia ele, fixando-nos uma a uma com o olhar sob as suas sobranceiras excessivamente peludas, e um tipo enorme aparece de um beco e agarra-te. Ou: estás num corredor estreito numa discoteca, e um bêbedo empurra-te contra a parede. Ou: está escuro, está nevoeiro, estás à espera de que abra o semáforo quando alguém te pega na alça da mala e te atira para o chão. Estas narrativas de perigo acabavam sempre com a mesma pergunta, que nos era feita com uma retórica ligeiramente regozijante: e então, o que é que fazes?

Treinámos golpes com os cotovelos para trás, na garganta dos nossos atacantes imaginários, a revirar os olhos enquanto o fazíamos, porque, afinal de contas, éramos miúdas adolescentes. Ensaíamos, à vez, o grito mais alto que conseguíamos. Repetíamos, com zelo e num tom monocórdico, os pontos fracos do corpo masculino: olhos, nariz, garganta, virilha, joelho. Acreditávamos que já sabíamos tudo, que podíamos fazer frente ao tipo enorme que nos ia agarrar, ao bêbedo que nos ia atacar, ao assaltante que nos ia agarrar a mala. Tínhamos a certeza de que

conseguiríamos fugir-lhes das mãos, levantar o joelho, arranhar-lhes os olhos com as unhas; achávamos que íamos encontrar uma saída destas sinopses assustadoras mas estranhamente excitantes. Ensinavam-nos que devíamos fazer barulho, chamar a atenção, gritar POLÍCIA. Além disso, creio, assimilámos uma mensagem clara. Beco, discoteca, *pub*, paragem de autocarro, semáforos: o perigo era urbano. No campo, ou em localidades rurais como a nossa — onde não havia discotecas, nem becos e nem sequer semáforos —, coisas destas não aconteciam. Tínhamos a liberdade de fazer o que quiséssemos.

E, contudo, aqui estava este homem, no cimo de uma montanha, a bloquear-me o caminho, à minha espera.

Parece-me importante não mostrar medo, entrar no jogo. Por isso continuo a andar, continuo a pôr um pé à frente do outro. Se eu me virar e começar a correr, ele podia apanhar-me em poucos segundos, e correr seria algo tão revelador, tão definitivo. Iria deixar bem claro para ambos qual é a situação; seria o culminar. A única escolha parece ser seguir em frente, fingir que isto é perfeitamente normal.

— Olá outra vez — diz-me ele, e o seu olhar desliza pelo meu rosto, pelo meu corpo, pelas minhas pernas despidas e lamacentas. É um olhar mais de avaliação do que de lascívia, mais de cálculo do que de luxúria: é o olhar de um homem que está a resolver uma questão, a planear a logística de uma ação.

Não consigo olhá-lo nos olhos, não consigo olhar para ele diretamente, ou quase não consigo, mas tenho consciência de olhos próximos um do outro, uma altura considerável, incisivos brancos como mármore e punhos a agarrar as alças da mochila.

Tenho de pigarrear antes de dizer:

— Olá.

Acho que aceno com a cabeça. Volto-me de lado para passar por ele: uma mistura forte de suor recente, de cabedal, da mochila dele,

e de alguma espécie de loção de barbear cheia de químicos que me parece vagamente familiar.

Já passei por ele, estou a afastar-me, tenho o carreiro livre à minha frente. Ele escolheu, reparo agora, o cume do trilho para a sua emboscada: subi sem parar, e é neste ponto que vou começar a descer a montanha, de volta à minha pensão, ao meu turno da noite, ao trabalho, à vida. Daqui em diante é tudo a descer.

Tenho o cuidado de dar passos confiantes, com sentido, mas sem medo. Não tenho medo: digo-o para mim mesma, sobre o rugido oceânico do meu coração a bater. Talvez, penso, esteja livre, talvez tenha interpretado mal a situação. Talvez seja perfeitamente normal ficar à espera de raparigas em carreiros isolados e depois deixá-las seguir.

Tenho 18 anos. Acabados de fazer. Não sei quase nada.

O que sei, contudo, é que ele está mesmo atrás de mim. Ouço o som das botas dele, o respigar do tecido das suas calças — de uma espécie de material respirável, para todas as estações.

E cá está ele de novo, a caminhar ao meu lado. Caminha perto de mim, intimamente, com o braço no meu ombro, como um amigo faria, como eu caminhava para casa com colegas depois das aulas.

— Está um lindo dia — diz ele, olhando-me no rosto.

Mantenho a cabeça baixa.

— Sim — digo —, pois está.

— Está muito calor. Se calhar vou nadar.

Ele tem uma dicção peculiar, reparo, enquanto percorremos juntos o trilho com passos rápidos e sincronizados. As suas palavras detêm-se a meio das sílabas; os erres são suaves, os tês, sublinhados, o tom, monocórdico, quase inexpressivo. Talvez esteja ligeiramente «bebido», como se costuma dizer, como o homem que vivia ao fundo da nossa rua. Não deitava nada fora desde a guerra e tinha o jardim coberto de hera, como o castelo da Bela Adormecida. Costumávamos tentar adivinhar o que seriam alguns

dos objetos cobertos pela folhagem: um carro, uma vedação, uma moto? Ele usava gorros de lã e camisolas caveadas com padrões e fatos que haviam sido elegantes mas lhe ficavam pequenos e que estavam cobertos de pelos de gato. Se estivesse a chover, ele cobria os ombros com um saco do lixo. Às vezes, vinha bater-nos à porta com um saco cheio de gatinhos para nós brincarmos; outras vezes, estava bêbedo, furioso, com uma expressão selvagem e a vociferar sobre postais perdidos, e a minha mãe tinha de lhe pegar pelo braço e de o levar a casa.

— Fiquem aí — dizia-nos —, volto já.

E lá ia ela pelo passeio fora com ele.

Se calhar, penso, inundada de alívio, é só isso que isto significa. Este homem pode ser como o nosso antigo vizinho: excêntrico, diferente, falecido há muito, com a casa limpa e desinfetada, a hera arrancada e queimada. Se calhar eu devia ser simpática, como a minha mãe era. Devia ter compaixão.

É então que me viro para ele, enquanto caminhamos juntos, num passo acelerado, à beira do lago. Até sorrio.

— Nadar — digo. — Isso parece agradável.

Ele responde pondo a alça dos binóculos dele à volta do meu pescoço.

Cerca de um dia mais tarde, entro na esquadra da polícia da localidade mais próxima. Espero na fila com pessoas a apresentar queixa de carteiras perdidas, cães foragidos, carros riscados.

O polícia que está ao balcão ouve-me, de cabeça inclinada para o lado.

— Ele magoou-te? — é a primeira coisa que me pergunta. — Este homem, ele tocou-te, bateu-te, fez-te avanços sexuais? Fez ou disse alguma coisa imprópria?

— Não — digo —, não foi bem isso, mas...

— Mas o quê?

— Ele teria feito — digo. — Ele ia fazer.

O homem olha-me de cima a baixo. Estou a usar calções de ganga remendados, vários aros de metal a atravessar-me a cartilagem das orelhas, sapatilhas muito gastas e uma t-shirt com a imagem de um dodó e a palavra «Procura-se». Tenho uma juba – não há mesmo outra palavra para a descrever – de cabelo desgrenhado na qual uma das hóspedes, uma holandesa de rosto sereno, que tinha chegado à pensão com a sua harpa e o seu estojo de feltragem, teceu missangas e penas. Pareço aquilo que sou: uma adolescente a viver sozinha pela primeira vez, numa caravana, numa floresta, no meio do nada.

– Então – diz o polícia, inclinando-se pesadamente sobre os seus papéis –, foste dar um passeio, encontraste um homem, caminhaste ao lado dele, ele foi um bocado esquisito, mas depois chegaste bem a casa. É isso que me estás a dizer?

– Ele pôs – digo-lhe – a alça dos binóculos dele à volta do meu pescoço.

– E depois o que é que ele fez?

– Ele...

Paro. Detesto este homem com as suas sobrancelhas espessas, a sua barriguinha de cerveja, os seus dedinhos atarracados e impacientes. Detesto-o ainda mais, talvez, do que ao homem do lago.

– Ele mostrou-me uns patos que estavam no lago.

O polícia nem sequer tenta disfarçar o sorriso.

– Pois é – diz ele, e fecha o livro abruptamente –, parece mesmo assustador.

Como é que eu podia ter explicado àquele polícia que sentia o ímpeto para a violência a irradiar daquele homem, como o calor irradia de uma pedra? Tenho pensado repetidamente naquele momento ao balcão, na esquadra da polícia, e pergunto a mim mesma se haveria alguma coisa que eu pudesse ter feito de maneira diferente, alguma coisa que eu pudesse ter dito que alterasse o que aconteceu a seguir.

Eu podia ter dito: quero falar com o seu supervisor, quero falar com o responsável pela esquadra. Faria isso agora, aos 43 anos de idade, mas na altura? Nem me ocorreu que fosse possível.

Podia ter dito: ouça o que eu lhe estou a dizer, aquele homem não me fez mal, mas vai fazer mal a alguém. Por favor, apanhem-no antes que ele o faça.

Podia ter dito que tenho um instinto para a deflagração de violência. Que, durante muito tempo, eu parecia inspirá-la em outros por motivos que nunca cheguei a compreender. Quem apanha estalos e murros, em criança, nunca se esquece da sensação de impotência e vulnerabilidade, de como uma situação pode passar de benigna a brutal num piscar de olhos, num instante. Esta sensibilidade passa a correr-lhe nas veias, como anticorpos. Aprende rapidamente a reconhecer a aproximação destes atos súbitos de ataque: aquele timbre ou aquela vibração particulares na atmosfera. Desenvolve antenas para a violência e, mais tarde, cria um repertório de meios de a defletir.

A minha escola parecia imersa nisso. A ameaça, como fumo, enchia os corredores, os salões, as salas de aula, as filas entre as cadeiras. Golpeava-se cabeças, puxava-se orelhas, atirava-se apagadores, com uma pontaria dolorosa; um dos professores tinha o costume de pegar nos miúdos de que não gostava pela cintura das calças e de os atirar contra a parede. Ainda me lembro do som de um crânio de criança a bater contra o azulejo vitoriano.

No caso de transgressões mais graves, os rapazes eram mandados para a diretora, onde eram açoitados com uma cana. As raparigas eram açoitadas com as sapatilhas. Costumava olhar para as minhas — aqueles sapatos de lona preta com uma língua de elástico à frente, que se usava para subir aos cavalos, na aula de ginástica —, e sobretudo para as solas acinzentadas e onduladas, e imaginar o impacto: borracha sobre carne exposta.

A diretora era objeto de temor reverente. O seu pescoço robusto e as suas mãos como garras de pássaros. Os lenços que usava

presos à camisola com um alfinete prateado. O seu escritório de paredes escuras e tapete cor de vinho. Quando era lá chamada para demonstrar as minhas competências de leitura, olhava para o tapete e imaginava ter de estar ali de pé, de saia alçada, à espera do meu castigo e a preparar-me para receber o golpe.

Passava para os alunos, como é óbvio. O «torce-torce» era particularmente popular — quando se torcia a pele do antebraço como se fosse um pano molhado, em elipses vívidas. Puxar cabelos, esmagar polegares, prender cabeças, torcer dedos: havia um arsenal vasto e sempre em expansão ao alcance dos rufias. Eu tinha o azar de não falar com a pronúncia local, de já saber ler antes de ter ido para lá, de ter um aspeto, segundo me diziam, anormal, ofensivo, de alguma forma inaceitável, de usar saias com bainhas que tinham sido subidas e baixadas demasiadas vezes, de ter tendência para ficar doente e faltar a muitas aulas, de gaguejar quando me faziam perguntas, de usar sapatos que não eram de couro verdadeiro, e por aí fora. Lembro-me de um rapaz na minha turma me ter agarrado atrás de um barracão e, sem dizer uma palavra, me ter puxado pelas alças do vestido até o tecido me apertar os sovacos. Nunca voltámos a falar desse incidente. Lembro-me de uma miúda mais velha, de franja escura e brilhante, que apareceu vinda do nada, de entre a multidão no recreio, e me esfregou a cara contra o tronco de uma árvore. No meu primeiro semestre na secundária, a meio de uma aula de Química, um *skinhead* de 12 anos deu-me um murro na cara. Se passar com a ponta da língua no interior do lábio superior, ainda sinto a cicatriz.

Por isso, quando o homem pôs a alça dos binóculos à volta do meu pescoço, embora estivesse a dizer qualquer coisa sobre querer mostrar-me um bando de patos êider-edredão, eu sabia o que ia a acontecer a seguir. Sentia-lhe o cheiro, quase que o conseguia ver, a tomar forma e a brilhar no espaço entre nós. Este homem era só mais um numa longa linhagem de rufias que implicavam com o meu sotaque ou os meus sapatos ou sabe-se lá que mais



— há muito tempo que não queria saber disso —, e ia fazer-me mal. Ele tinha a intenção de me fazer mal, muito mal, e eu não podia fazer nada para o evitar.

Decidi que tinha de entrar no jogo da observação de aves. Sabia que era a minha única esperança. Um rufia não pode ser confrontado; não pode ser denunciado; não se pode deixar que ele perceba que nós percebemos, que vemos aquilo que eles são.

Olhei pelos binóculos durante um breve instante. Oh, disse, patos êider-edredão, que giro, e baixei-me e afastei-me, para longe do círculo da alça. Ele veio atrás de mim, claro que veio, com a tira de couro preto, a tentar enlaçar-me outra vez, mas agora eu estava de frente para ele, estava a sorrir-lhe, a tagarelar sobre os patos e como eram interessantes, se era verdade que antes eram usados para fazer edredões, se era daí que vinha o nome, se usavam penas destes patos para os encher? Ai eram? Que fascinante. Conte-me mais, conte-me tudo o que sabe sobre patos, sobre aves, sobre observação de aves, que giro, o senhor sabe tantas coisas, deve ir muitas vezes observar aves. Ah, vai? Fale-me mais disso, fale-me do pássaro mais invulgar que já viu, vamos falando e andando porque aí já é tão tarde, tenho mesmo de ir, de descer, porque vai começar o meu turno, sim, trabalho mesmo ali — vê aquelas chaminés? É mesmo ali. É muito perto, não é? Estão à minha espera. Às vezes, se me atraso, vêm à minha procura, pois é, o meu patrão, ele vai estar à espera. Ele costuma vir dar passeios para aqui, também, os colegas todos vêm, ele sabe que eu estou aqui, claro que sabe, sabe exatamente onde estou, fui eu que lhe disse, daqui a nada aparece aí à minha procura, deve estar mesmo aí a aparecer. Claro que podemos ir por aí, e, enquanto descemos, não me quer falar mais sobre observação de pássaros? Por favor, sim, gostava muito, mas tenho mesmo de me despachar, porque eles estão à espera.

Duas semanas mais tarde, um carro da polícia sobe o carreiro sinuoso que vai dar à pensão, e saem duas pessoas. Vejo-os de

uma janela do andar de cima, onde estou a enfiar almofadas em fronhas. Sei imediatamente o que estão aqui a fazer, porque vieram, por isso, mesmo antes de ouvir alguém chamar-me, estou a descer as escadas para ir ter com eles.

Estes dois não são nada como o polícia da esquadra. Estão de fato e gravata, de expressão séria, concentrada. Apresentam os distintivos e alguns papéis ao meu chefe, o Vincent, com o ar impávido de uma neutralidade treinada e competente.

Querem falar comigo em privado, por isso o Vincent leva-nos para um quarto vazio. Ele entra connosco, porque é boa pessoa e eu sou só uns anos mais velha do que os filhos dele, que ouvimos gritar e berrar no jardim das traseiras.

Sento-me numa cama que fiz naquela manhã, e o polícia senta-se a uma mesa de vime onde alguns dos hóspedes gostam de beber chá, de manhã; a mulher-polícia senta-se ao meu lado, na cama.

O Vincent deixa-se ficar por perto, a murmurar, desconfiado, fingindo estar a endireitar um cristal pendente da janela, a limpar pó da prateleira da chaminé, a arranjar as tenazes da lareira. É um antigo *hippie*, um sobrevivente de Haight-Ashbury, e não tem muito boa opinião daquilo a que chama «a bófia».

Os polícias ignoram-no, de um modo amável, mas preocupado. Estão interessados, diz-me a mulher, num homem que eu encontrei há pouco tempo num passeio. Será que eu lhes podia contar exatamente o que se passou?

E é isso que faço. Começo pelo princípio, descrevendo como tinha passado por ele mais cedo, no passeio, como ele tinha seguido na direção contrária, e depois, não sei como, apareceu à minha frente.

— Não sei como é que ele fez aquilo — digo —, porque não há nenhum atalho, pelo menos que eu conheça.

Eles acenam repetidamente com a cabeça, escutando-me com uma intensidade calculada, encorajando-me a continuar. Nunca tiram os olhos do meu rosto: tenho toda a sua atenção. Quando chego à parte da alça dos binóculos, eles param de acenar com

a cabeça. Olham-me fixamente, os dois, sem pestanejar. É um momento estranho e congestionado. Acho que nenhum de nós respirou.

– A alça dos binóculos? – pergunta o homem.

– Sim – digo.

– E ele pô-la à volta do teu pescoço?

Aceno com a cabeça. Olham para o lado e depois para baixo; a mulher anota qualquer coisa no caderno dela.

Será que eu podia, pergunta-me, passando-me um dossiê, ver umas fotografias e dizer-lhes se o vejo em alguma delas?

É então que o meu patrão interrompe. Não consegue evitar.

– Não tens de dizer nada, sabes, não és obrigada. Ela não é obrigada a dizer nada.

A mulher-polícia está a levantar a mão para o calar exatamente ao mesmo tempo que eu pouso o indicador numa fotografia.

– É ele – digo.

Os detetives olham. A mulher volta a escrever qualquer coisa no caderno. O homem agradece-me; pega no dossiê.

– Ele matou uma pessoa – digo-lhes –, não foi?

Trocam um olhar indecifrável, mas não dizem nada.

– Estrangulou alguém. Com a alça dos binóculos. – Olho de um para o outro, e sabemos, todos sabemos. – Não foi?

Do outro lado do quarto, o Vincent diz uns palavrões, baixinho. Depois vem ter comigo e dá-me o lenço dele.

A rapariga que morreu tinha 22 anos. Era da Nova Zelândia e estava a viajar pela Europa com o namorado. Naquele dia, o namorado estava doente e ficou no *hostel* enquanto ela foi fazer uma caminhada, sozinha. Foi violada, estrangulada e enterrada numa cova baixa. O corpo foi descoberto três dias mais tarde, não muito longe do carreiro onde eu tinha estado a passear.

Só sei isto porque o li no jornal regional na semana seguinte: os polícias não me quiseram contar. Vi a manchete na montra

da papelaria, entrei para comprar o jornal, e lá estava a cara dela, a olhar para mim da primeira página. Tinha cabelo claro, puxado para trás com uma fita, sardas no rosto, um sorriso largo e inocente.

Não seria um exagero dizer que penso nela, não todos os dias, mas a maior parte dos dias. Tenho consciência da vida dela, de que foi cortada, interrompida, encurtada, enquanto a minha, seja por que razão for, pôde continuar.

Nunca soube se o apanharam, se foi condenado, sentenciado, preso. Tive a nítida sensação, enquanto me entrevistavam, de que os detetives já o tinham na mira, de que já o tinham apanhado, de que só precisavam da minha corroboração. Talvez as amostras de ADN fossem irrefutáveis. Talvez ele tenha confessado. Talvez houvesse outras testemunhas, outras vítimas, outras que escaparam por pouco, que tenham testemunhado em tribunal: eu nunca fui convocada e era demasiado ingênua ou, suspeito, estava demasiado chocada para investigar o assunto, para ligar à polícia e dizer: o que aconteceu, apanharam-no, ele está preso? Deixei a região pouco tempo depois, por isso nunca poderei ter a certeza. Tudo isto aconteceu muito antes da era das notícias ubíquas e instantaneamente disponíveis. Não consigo encontrar qualquer sinal, qualquer vestígio deste crime na Internet, apesar de ter pesquisado várias vezes.

Não sei porque é que ele me poupou a mim e não a ela. Será que ela entrou em pânico? Será que tentou fugir? Será que gritou? Será que fez o erro de o alertar para o monstro que ele era?

Durante muito tempo, sonhei com o homem no carro. Ele aparecia com uma série de disfarces, mas sempre com a mochila e os binóculos. Às vezes, na penumbra e confusão dos sonhos, reconhecia-o apenas por estes acessórios e pensava: ai, és tu outra vez, é? Voltaste?

É uma história difícil de contar, esta. Na verdade, nunca a conto, ou nunca a contei antes. Na altura, não contei a ninguém, nem aos amigos, nem à família: parecia não haver maneira de traduzir o que

acontecera em gramática e sintaxe. Só a contei, agora que penso nisso, a uma pessoa, e foi ao homem com quem viria a casar, e só a consegui contar anos depois de nos conhecermos. Contei-lhe uma noite, no Chile, à mesa de um refeitório num *hostel*. A expressão que fez foi de um choque tão profundo e visceral que soube que provavelmente nunca a voltaria a contar, verbalmente, na vida.

O que aconteceu àquela rapariga, e que estive tão perto de me acontecer a mim, não é uma coisa que se articule com leveza, que se transforme numa história engraçada, que tome a forma de uma récita, contada e recontada à mesa de jantar ou ao telefone, passada de contador a contador. É uma história de horror, de mal, dos nossos piores receios. É uma história para estar enterrada num lugar escuro que nunca se visita. A morte passou por mim naquele carreiro, tão perto que lhe senti o toque, mas apanhou a outra rapariga e engoliu-a.

Mesmo hoje, não suporto que ninguém me toque no pescoço: nem o meu marido, nem os meus filhos, nem um médico afável que uma vez me quis sentir as amígdalas. Recuo abruptamente antes de sequer perceber porquê. Não consigo usar nada ao pescoço. Lenços, polos, gargantilhas, qualquer top ou camisola que pressione o pescoço: estas coisas nunca serão para mim.

A minha filha apontou recentemente para o cume de um monte que tinha visto a caminho da escola.

— Podemos ir ali acima?

— Claro — disse, olhando para o cume verdejante.

— Só nós as duas?

Fiquei em silêncio por um momento.

— Podemos ir todos — disse. — A família toda.

Alerta, como sempre, às disposições dos outros, apercebeu-se imediatamente de que eu não estava a contar tudo.

— E porque é que não vamos só as duas?

— Porque... os outros também iam gostar de vir.

Porque, estava a pensar, porque nem consigo começar a dizer. Porque não consigo articular os perigos que te esperam ao virar das esquinas, em carreiros sinuosos, por trás de rochedos, nos emaranhados de florestas. Porque tens seis anos. Porque há pessoas por aí que te querem fazer mal, e nunca vais saber porquê. Porque ainda não te consigo explicar estas coisas. Mas hei de conseguir.

«Quando és criança, ninguém te diz: "vais morrer". Tens de descobrir isso por ti. Algumas pistas são: a tua mãe a chorar e, depois, a fingir que não estava a chorar; não deixarem os teus irmãos virem visitar-te; a expressão de preocupação, gravidade e um certo fascínio com que os médicos olham para ti; a maneira como as enfermeiras se esforçam por não te olharem nos olhos; familiares que vêm de muito longe para te verem. Quartos de hospital isolados, procedimentos médicos invasivos e grupos de estudantes de Medicina também são sinais claros. Ver ainda: presentes muito bons.»

Uma doença na infância que deveria ter sido fatal, uma fuga em adolescente que quase termina em desastre, um encontro assustador num caminho isolado, um parto arriscado num hospital com falta de pessoal — estes são apenas quatro dos dezassete encontros com a morte que Maggie O'Farrell, autora multipremiada e uma das vozes mais interessantes da literatura atual, relata na primeira pessoa. São histórias verdadeiras e fascinantes que impressionam, comovem, arrepiam e, sobretudo, nos fazem recordar que devemos parar, «respirar fundo e ouvir o bater do coração».

«Maggie O'Farrell aponta as suas setas diretamente ao coração de quem a lê.»

*The Times*

«Extraordinário, desconfortável e irresistível. A sua prosa parece invencível.»

*The Guardian*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-31-4  9 789898 864314 Biografias/Memórias
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	